Recepção dos Srs. João Nogueira, Dolor Barreira, Raimundo Girão e Plácido Castelo

— I —

Padre Misael Gomes

Exmo. Sr. Interventor Federal
DD. Autoridades Civis e Militares
Exmas. Senhoras
Carissimos Consócios
Meus Senhores.

Que entusiasmos puderam em mim, que sentimentos me afetam nesta hora, encareço avaliar. Defrontei-me com substituir colega moço, ardente e tribuno festejado. Considerai quanto mais discreto, quanto menos desvanecido hei de ser. Louvo a Deus, que me não deixa vitimar à presunção.

Onde se apinhoa, à beira de um riacho, o casario dos Milagres no vale do Cariri, a arribana paterna: ela prendeu-se à mente, e o amor se me vai no íntimo. Oriundo da cidade dos Milagres, eu, sacerdote da Igreja, nunca deixarei de crer na Providência, no milagre. Outro, porem, se me não há de compelir nem exigir (tomei susto), como o de aproximar-me à facúndia de Dolor Barreira, toda a gente prestes, ansiosa por escutá-lo. Não venho medir forças... nem direitos.

Guardo-me de por a mão no sagrado das vontades; o agradecimento, no entanto, devera de ser, julgava eu, de quem aumentou valores à primeira linha, da Sociedade, cuja obrigação corresponde à honra de nossos maiores. Trabalhamos para o Ceará e pelo Ceará, neste ângulo nordestino aperfeiçoador da raça, a lhe querermos na vida até a morte. A terra do berço, o torrão querido, conosco gera, alenta e frutifica preciosas lembranças.

Sem repousar-se e cobrar-se do cansaço, já 54 anos no enleio monacal, esmorecendo pela glória, brilho e memórias de personagens e todos conterrâneos, morrendo-se de amores pelos livros, coletâ-

neas e documentos, viveu até hoje, donairoso e senhoril, o nosso Instituto.

Formai muito em sombra uma idéia. A exemplo dos desembargadores Álvaro Gurgel de Alencar e Abner de Vasconcelos, Drs. Andrade Furtado e Clodoaldo Pinto, escritora Alba Valdez e poeta Sores Bulcão, plêiade, coluna de Israel, todos aqui nos envidamos sob olhos do Exmo. Sr. Barão de Studart, outro Moisés; depois, na orientação do Dr. Tomaz Pompeu Sobrinho, novo Josué em demanda da Terra-de-Canaã...

Fui Benjamim da casa, de 1937 até hoje, sem impedimento dos cabelos alvejantes não raros, sem fazer repugnância com o espírito moço de Leonardo, Hugo Vitor e Martinz de Aguiar. O primeiro conheci do Seminário, o "Leonardinho", inteligente, simpático e vadio; o segundo foi aluno esforçado, operoso no Liceu do Ceará, onde muito nos conversamos, já então ele assíduo frequentador de bibliotecas e do generoso, franco solar do Barão de Studart: era a promessa do secretário inexcedivel de que nos ufanamos; enquanto o último, Martinz de Aguiar, ensaiava os primeiros vôos nas refertas didaticas, interpretações à musa dos "Lusiadas", a entender nos argumentos filológicos, apóstolo hoje do ensino no Liceu do Ceará, vencendo por entre expansões de eterna jovialidade.

Benjamim do Instituto, asseverar posso, ainda que fui confiado, uma como doce ilusão me desvanecia, de juventude perene; mas agora me deixa vencido a mim ante novos eleitos, inclusive o Dr. João Nogueira, tão respeitavel e veneravel, conquanto seja ainda combustivel tenacíssimo de arder e brilhar. Que o mundo gire aos pés de Deus.

Mas não os venho chamar a ajuste de contas. Reporto-me conformado, trago já perdido o pleito; só o afeto e amizade se traduz no meu expressar de pobre linguagem. Aos quatro os melhores augúrios. Abraço-me neles com fervor, pedindo-lhes vênia para alusão individual, em solenidade como esta de que sou humilde oficiante. Lembra-me o Crisóstomo: "É defeito e torpeza não saber amar."

Começo do porta-voz, em quem o belo-dizer dá-nos tento da estrada luminosa que se traçou na vida.

Acoroçoaram-no à tribuna verdes esperanças e já louçãs. Pude aquilatar o orador do "Circulo Católico de Fortaleza", nas voltas do tempo, apreciei-o depois de graduar-se, quando saudou ao "demiurgo" da jurisprudência, Clovis Bevilaqua. Subiu de esforço e de talento ao receber o folclorista brasileiro Dr. Leonardo Mota, na Academia Cearense de Letras.

Dono de cátedra, no ensino jurídico, a Dolor Barreira pelos salões da Faculdade já ouví, alem de conhecer-lhe publicações. Algumas revistas entesoiram trabalhos meditados do profissional nas lides do foro, o advogado cujo prazer máximo se saboreia no cismar tranquilo da sua biblioteca importante e ordenada.

Por maneira que resumo, dizendo-o acolhedor da Academia Cearense de Letras, junto à prole dos sete filhos em volta da Esposa, à residência da Major-Facundo, 980. Adregou confraternizarmos alí muitas vezes.

Dr. Plácido Aderaldo Castelo. Para conhecê-lo de quanto tem merecido, me foi dado estimar em 1938, na "Escola Normal Rural do Juazeiro", onde ví o seu nome alcandorar-se, o maior benfeitor do estabelecimento, tão guapo coração! Relaciona-se com o que ele muito bem frisou em artigos de imprensa no Ceará, Paraiba, Rio-de-Janeiro e Rio-Grande do Sul, o interesse que vota à causa agrícola nacional.

Multiplicam-se testemunhos em prol do administrador na altura dos encargos, que aproveita as entre-abertas das lides para o amor das letras, tal como o Brasil apresenta muitos nomes, com relevo dos cearenses.

É trabalhador lesto e desempenado, disposto a congeminar lucubrações e afervorar-se com aumentos de zelo em benefício dos problemas de nossa gleba caracterizada, inconfundivel.

Veio preencher a cadeira vaga entre nós, do Dr. Guilherme de Sousa Pinto, estudioso da economia e estatística cearenses, que morreu secretário do Instituto, espírito sistematizador, esforçado sobre ramo a que atentasse a diretriz de seus esforços. Sobreleva entre os mortais a carreira de quem-quer que executou a sua missão terrena.

L'ange de la mort vient de passer. Il a cueilli l'âme du juste en passant.

(EUGENE PELLETAN, **Profession de foi.**)

O anjo da morte acaba de passar; no seu trânsito, levou a alma do justo.

Deus o tenha à sua vista! Sobre ele chovam bençãos e coroas...

E aparecem destas sombras. Não choram, apenas, os que já se foram. O luto acompanha de perto a alegria. Decorre o nosso viver entre a dor, o contentamento e a saudade... Não é dos homens sondar tão fundas operações da Providência.

Raimundo Girão — bacharel e doutor em direito, ex-prefeito municipal de Fortaleza, juiz do Tribunal de Contas do Ceará...

títulos que parece indigitam o arnez de homem adiantado na vida; realmente é moço, aspirando sonhos, medrando frutos. Ele já penetrou escuridades nos problemas de Finanças e Direito Econômico. Estudioso, calmo e reportado, sem bisbilhotices nem mexerufadas de erudição, oferece grangeio de ensaios originais, assim como logrei apreciar o "Esboço de uma Genealogia" com reflexos da sua paciência, por igual apreciado alem das fronteiras estaduais e comendatícia bastante à grei do Instituto.

Dr. João Franclim de Alencar Nogueira. Conviveu com o primo Oto de Alencar pelos bancos da "Politécnica", no Rio: **Fama volitat**... Soube à meia-luz do gabinete prever e resolver sérios problemas matemáticos, e anos volvidos desempenhou encargos técnico-profissionais. Discípulo do Dr. Piquet Carneiro e a memória viva do Desembargador Paulino Nogueira — historiógrafo da sua terra, de sua gente, e o que primeiro presidiu ao Instituto do Ceará: ele, o filho, não sei mesmo a razão, escusava-se de comungar do nosso efetivo, sem menospreço à intimidade dos que lhe queríamos; tanto, lhe antecipamos o título de sócio correspondente.

Fonte de lembranças, a sua palestra simples, despretensiosa, tem sabor que recorda um Melo Moraiz Filho. Por vezes regala os patrícios com suas reminiscências, episódios desta terra de Capistrano de Abreu, o mais autorizado conhecedor dos fastos nacionais. De João Nogueira na mocidade, tive entre mãos umas jóias poéticas; por que "não fazem dano às musas os doutores"...

As realizações e merecimentos dele são mais que muito apreciaveis.

O lugar indicamos, sua cadeira a que pertenceu ao Dr. Barão de Studart, presidente perpétuo do Instituto e nome que é símbolo ou súmula de méritos, patrimônio hoje de nossa Terra. Figurei entre os membros da última embaixada ao Dr. João Nogueira, e vi-o receber com inequívocas demonstrações de agradecimentos a coroa que lhe consagramos hoje e ratificamos.

Claudite rivos. Despraz-me que não acabei, não aperferçoei o quadro sob ângulos de perspectiva, a ensopar o pincel em cores múltiplas, minha paleta em variadas tintas; esboço liquidei...

Graças, muitas graças, por que os olhos de ver me não escureceram como ao notavel, ao ilustre Montalverne na ermida carioca, à noite de 19 de Outubro de 1854, pela festa de S. Pedro de Alcântara, um dos padroeiros do Brasil: caso que merecera de Machado de Assiz ou José de Alencar algum de seus lavores; e muito merecido, porquanto foi obra excelente a do príncipe da tribuna sagrada no Rio-de-Janeiro.

"Proponde-vos a tarefa estreita, moderada, circunscrita, segundo vosso talento [ensinava Rui]; mas esgotai-a, limai-a, pulí-a."

Não meditei arrojo, maioral façanha. Por sobre escassas horas, faltou-me engenho e arte, e um instante hesitei... Súbito, a energia inspirada; não quis só beber os ventos: dei sinal de boa-vontade, e bem hajam nisto os recipiendários por quem são.

Á medida que estrelas refulgem do meio intelectual, vai eles não enfraquecem, não se temem o céu dos trópicos. Por que apenas admirar? Seja-nos dado possuir. A felicidade assoma neste vocábulo terno: **Benvindos**. Que noite alegre!! e que jubiloso anseio!

Benvindos ao Instituto! a cuja sombra, guindado aqui, nesta eminência, não quero recolher sem que lhes assegure: Mais que consócios e companheiros, mais que amigos, sereis nossos irmãos.

Oh! com a simpleza do meu gesto e todo-nada de minhas palavras, represento e falo pelo Instituto do Ceará:

— Vivam os nossos irmãos!

— II —

Dolor Barreira

Sr. Presidente e Srs. Sócios do Instituto do Ceará. Meus senhores:

A Emile Zola afigurou-se — ao que li algures, e se a memória me não trai — que se disputava o **fauteuil** da Academia Francesa "como, pela necessidade de ser vaidoso, se pleiteiam as comendas".

A apreciação — sem dúvida de fundo irônico — do assombroso construtor do "Assommoir" e do "Germinal" não se ajustaria a mim — **mutatis mutandis** —, na minha entrada para o Instituto do Ceará. Primeiro, por que não houve de minha parte — e consentí que diga vai nisso a maior honra para mim — trabalho de empenho ou disputa. Muito ao invés, fostes arrancar-me, generosa e fidalgamente, do seio da minha penumbra, que o estudo das belas letras e da sadia ciência embalsama, idealiza e encanta. E vi-me, assim de súbito, assim imprevistamente, entre estas ínclitas cadeiras, no incoercivel deslumbramento que a vossa aristocrática companhia produz.

Em segundo lugar, por que me apraz enfileirar-me (**si parva licet componere magnis**) na estirpe moral de Newton, para quem ser muito conhecido — como ele próprio diz, na sua carta a Collins, a propósito das suas teorias sobre a lua, em que proibe inserir seu nome, com a solução do problema, nas "Philosophical Transactions" — era cousa que se aplicava particularmente em

evitar.

Realmente, antipoda de Braz Cubas, essa criação viva de Machado de Assiz, "que tinha a paixão do arruido, do cartaz, do foguete de lágrimas", sempre timbrei e timbro em adotar e praticar o sábio conselho de Renan, quando, advertindo de que desconfiemos da presunção, diz: — Sobretudo, sejamos modestos: "Soyns humbles, surtout."

Entretanto, não penseis que não acariciasse eu o desejo insopitavel de me achar entre vós, de ser contado no número dos vossos componentes. Ao contrário... Já por que, na carinhosa expressão desse titã das "Origines de la France Contemporaine", "on est si bien parmi les vieilles choses", já por que — foco de alta cultura, em que tem luzido e luzem cerebrações de primeira grandeza, centro de defesa da inteligência, no salutar afã com que se desvela pela causa das ciências e das letras, reduto da nossa história, em que se professa a verdade, proclamada por Lamartine, de que é a cinza dos mortos que criou a Pátria, guarda e garantia da continuidade das nossas tradições, que tudo isto é, sem falsa lisonja o afirmo, o Instituto do Ceará — constitue ele, dessa forma, o ambiente intelectual em que me sinto à vontade, o como que prolongamento do meu gabinete, assim tão propício à satisfação dessa minha ânsia de verdade, e de beleza, dessa minha curiosidade mental à Sainte-Beuve, desse "instinto de aprender" que Renan declarava ser visceral nele e que o mantinha na esperança de que aprenderia até à hora da sua morte...

Mas, senhores, como se explica a minha presença neste lugar? A presença de quem, como eu, tem as vistas do espírito voltadas, de preferência, para o estudo e o cultivo das ciências jurídicas?

Será por que, segundo o zombeteiro comentário de Alcântara Machado, juristas, há-os, em toda parte, até no céu, em que pese aos maldizentes?

Acredito, porem, que o seja por que, tendo sob os olhos a percuciente observação do estilista do "Cântico das Colunas", parece que se referindo à Academia Francesa, estais convencidos de que "dificilmente se entendem os oficiais do mesmo ofício; e na melhor hipótese a convivência não lhes dilata o horizonte. Enquanto que o comércio de personagens dissemelhantes, do filósofo com o militar, do historiador com o romancista, do diplomata com o filólogo, do engenheiro com o jurista — acrescento eu —, se processa à maravilha, indene dos atritos suscitados por dissidências de escolas e envenenados por ciumes e competições individuais. São curiosidades

que se encontram com prazer, interesses que se aproximam com proveito. Nada mais util e saboroso do que colher, ao acaso, de passagem, o fruto da experiência de outras vidas em domínios que a gente não conhece, ou não visita com frequência".

Verdade é, senhores, que, apresentando o meu nome ao Instituto, o professor Martinz de Aguiar, num gesto de indisfarçavel benevolência, me conceitua de escritor.

Sincero para comigo mesmo, como queria Ibsen que todos o fossem, essa afirmativa do festejado filólogo cearense não pode passar sem reparo, por que, embora note Mestre Vieira que "ninguem há tão reto juiz de si próprio, que diga o que é ou seja o que diz", não sei como me seja ajustavel semelhante conceito. Como escritor quem, na sua bagagem literária, conta, com os dedos, alguns quatro ou cinco discursos, por que tudo o mais se limita a pareceres, a articulados e razões de advogado e a artigos de interpretação e crítica juridica?!...

Terá, acaso, ocasionado essa asserção o fato de exteriorizar, em qualquer domínio, as minhas idéias, com a preocupação do estilo, dizendo-as com clareza, com aceio, com correção, às vezes envolvendo-as em roupagens, sempre discretas e sóbrias, olhos fixos no dito de Taine, de que os pensamentos são como os homens: necessitam, para agradar, de ser bem vestidos?

Não vejo, todavia, como possam essas cousas elevar, quem as pratica, a tão exalçadora qualificação...

Tem razão, entretanto, quer o meu douto apresentante, quer a Comissão de Admissão do Instituto, no parecer relatado por uma das suas mais preclaras figuras, o desembargador Abner de Vasconcelos, quando salientam que me dou a estudos de história e que a eles voto acentuado amor. De fato, assim é... Assim é e assim sempre foi, a despeito do libelo que, contra essa "criação contínua de vida", como a denomina Afrânio Peixoto, formulou Anatole France, esse sutil, mas irreverente mofador de todas as cousas, ao escrever: "Há poucas verdades nas histórias. Tito Livio não passa de um compilador de fábulas e Tácito me produz o efeito de um mentiroso austero, que zomba do mundo com um ar de gravidade. Que é a história? Um repositório de contos morais ou, melhor, uma mistura eloquente de narrações e de arengas, segundo o historiador é um filósofo ou um retórico... Do que resulta que, longe de ser uma ciência, a história está condenada, por um vício de origem, ao vago da mentira..."

De resto, Macaulay, o sisudo historiador-político da Inglaterra, não tinha dúvida em observar que as épocas defuntas formam ter-

ritório pertencente em partes iguais à razão e à fantasia...

Tenho, isto tudo não obstante, indissimulavel amor pela história, que, no juizo de Pedro Lessa, "dilata a inteligência e eleva o coração", e é "preparatório indispensavel a todos que lidam com a sociedade e pretendem dirigí-la de algum modo".

Amo, efetivamente, a história, encarada sob o prisma crítico, filosófico, ou científico, na pesquisa das causas e dos efeitos, das direções e das tendências dos acontecimentos, em suma, da causalidade dos fenômenos históricos, através de Montesquieu, Thierry e Taine, na França; de Buckle e Macaulay, na Inglaterra; de Ferrero, na Itália; de Mommsen e Spengler, na Alemanha; de Alexndre Herculano e Oliveira Martinz, em Portugal; amo-a, sim, no fixar a curva da civilização, no seio de povos determinados ou da humanidade em geral, com Fustel de Coulanges, com Guizot e com Crozals; amo-a, ainda, como a lição moral, de que falava Plutarco, ou, consoante a definia Tucídides, como o conhecimento da verdade sobre o passado, para prevenir o futuro, ou, melhormente, como o "estudo psicológico das causas que atuaram, no pretérito, para a lição do porvir, visando, como aconselhava Emerson, a renovação moral, a cura das consciências"...

Todavia, se tenho verdadeiro amor pela História, em geral, pela História do Brasil tenho verdadeira idolatria, embora se insista em dizer e redizer que ela ainda não foi escrita, que ainda está reduzida a ensaios...

E não podeis imaginar as delicias que experimento, deletreando Capistrano de Abreu, quando atesta a existência, no Brasil, de uma a que chama "civilização do couro", e Joaquim Nabuco, "mais sociólogo do que historiador", quando, através da vida do seu egrégio pai, o conselheiro Nabuco de Araujo, nos traça a história do segundo reinado; João Ribeiro, que renova, ao que nota Alcântara Machado, "a historiografia nacional, com a fixação dos tipos fundamentais da população, com o realce atribuido à ação dos fatores econômicos, e ainda com o entendimento, que revelou, de quanto influiu, em nossa formação, a existência de focos autônomos de civilizamento e de cultura", e Pedro Calmon, que esboça a História Social do Brasil, na Colonia, no Império e na República; Rio-Branco, ao tratar, nas suas Efemérides, "exaustiva e limpidamente", das nossas campanhas no Prata, "desde o primeiro quartel do século XIX até o ano de 1870", e Euclides da Cunha, ao descerrar-nos, em síntese magistral, o panorama da vida política brasileira, da Independência à queda de Pedro II, "com o desfecho feliz de uma revolta"...

No entanto, se assim vibro ao contacto da História, Universal ou do Brasil, com nenhuma contribuição escrita me afirmei, para o patrimônio de uma ou de outra, que pudesse servir de título capaz de habilitar-me à ocupação de uma destas cadeiras... Daí, a minha surpresa, sentando-me entre vós...

Já falei de mim, senhores, por demais, contra, aliás, a sábia regra de que, ao autor dos "Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse", lhe ensinaram os seus excelentes mestres, qual a de não falar, nunca, de si mesmo...

Senhores:

Paul Adam, de uma feita, notou que a negligência dos brasileiros, pelo seu passado e pelas suas tradições, era singular.

Outra cousa não fazia o conhecido escritor francês que reproduzir, embora em outros termos, idêntica observação de Eduardo Prado, quando escreve que "a família brasileira, centro de outras tantas virtudes, não se pode orgulhar de ter um zelo verdadeiro pela tradição, que é a força, a luz, o ensino e a manifestação mais sagrada das raças, a cadeia que assegura a solidariedade das gerações".

Nem podia deixar de ser assim, diga-se de passagem, por que — ao que sentenceia esse angélico Manuel Bernardes — do desvelar-se por causas vãs e ridículas que se há de seguir senão descuidar-se das sérias e importantes? **Curiosus non curanda curat** (dizia S.-Boaventura), **necessaria negligit.**

Entretanto, os verdadeiros homens de progresso, acentua Renan, são aqueles que tem, como ponto de partida, um respeito profundo pelo passado.

É que "o patrimônio moral de um povo... fica consolidado, de um modo eterno e inabalavel, no seu passado intangivel", e "só o povo que vela por essa riqueza é um povo civilizado", assevera-nos esse gigânteo espírito que foi o autor da "Ilusão Americana".

Cicero, que, na frase de John Macy, dominou, por séculos, a prosa latina, pergunta: — de que vale a vida do homem, se a lembrança dos fatos anteriores não ligar o presente ao passado?

E Sêneca, "diante da imutabilidade irrevogavel do passado, que nem os deuses tinham o poder de destruir", dissera que só é certo, na grande turba inconstante das cousas, aquilo que já passou: **In tanta inconstantia turbaque rerum nihil nisi quod praeteriit, certum est.**

Shopenhauer, no seu "Mundo como Vontade e como Representação", "sustenta que, sem o conhecimento da história, o homem

não sairia da pura animalidade, e que a história está para a espécie humana como a razão está para o indivíduo. Graças à sua razão, o homem não fica, como o animal, fechado dentro dos limites estreitos do presente visivel; conhece ainda o passado, que é infinitamente mais extenso, e a fonte donde decorre o presente. Do mesmo modo [continua ainda o filósofo], um povo, que não conhece a sua própria história, está limitado ao presente da geração atual; esse povo não compreende nem a sua própria natureza, nem a sua própria existência, na impossibilidade em que está de as relacionar com o passado, que as explica, e, muito menos, pode antecipar alguma cousa do futuro. Somente a história pode dar a um povo a inteira consciência de si próprio."

Absoluta razão tem, por isso, o incandescente panfletário dos "Fastos da Ditadura Militar no Brasil", que todo Portugal, estupefacto, leu sob o pseudônimo de **Frederico de S.**, quando acrescenta que "desprezar o passado (e a mais forte expressão do desprezo por alguma cousa é não querer conhecê-la — como ocorreu e ainda ocorre no Brasil) denota, no indivíduo, degradação intelectual. E, num povo, esse sentir demostra que esse povo está ainda em estado de infantil selvageria, por que — diz Cícero — ignorar o sucedido antes de nós é a nossa condenação a sermos crianças, perpetuamente."

O eminente pensador paulista ainda proclama que "o desrespeito universal que nos desorganiza, nos avassala e nos barbariza é, até certo ponto, o resultado da nossa ruptura com o passado, dessa lamentavel emancipação da sua autoridade. Esse esquecimento dos antepassados poderia ser chamado apostasia, se não se tivesse já designado por independência do espírito essa cousa tão vulgar que se chama ingratidão".

Daí, senhores, hoje como ontem, a utilidade indiscutivel, o inestimavel valor deste Instituto, que, sobre empenhar-se, por todos os meios ao seu alcance, no desenvolvimento geral das Ciências e das Letras, de acordo com a expressão literal dos seus estatutos, se constitue sentinela avançada da nossa história, se esmera por manter, sempre vivas, nas páginas da sua revista, pelo enriquecimento do seu arquivo e por novas aquisições para o seu museu, as tradições dos nossos maiores, e ministra, através do estudo do nosso passado, no que ele tem de benéfico e afirmativo, ensinamentos preciosos para a hora presente, tão cheia de indecisões, perplexidades, sobressaltos e dúvidas, angustiosas e irremoviveis.

Essa alta e dignificadora missão vem ele desempenhando,

por mais de cinquenta anos, com um interesse e uma tenacidade, que são o mais eloquente desmentido a essa **incapacidade de perseverar**, a essa fadiga ou desencanto rápidos, a esse eterno **laisser aller**, característicos, segundo José Maria Belo, da psicologia dos nossos antepassados...

Senhores:

Falando do Instituto do Ceará, sou arrastado, irresistivelmente, a falar do Barão de Studart, seu como que Nume Tutelar.

Aliás, sobre esse grande homem, cumpria-me, como de fato me cumpre, dizer algumas palavras, por delegação do Dr. João Nogueira, esse outro culto homem de ciência, que uma modéstia, de certo inspirada nas lições de Addison, exalta e engrandece, e que tão bem avisadamente elegestes para substituí-lo, nesta augusta agremiação.

As minhas recordações do Barão de Studart remontam ao longinquo ano de 1908. Era eu aluno do "Colégio S.-José", na pitoresca serra de Santo Estevão, e ele alí fora paraninfo da sua primeira e única turma de bacharéis em ciências e letras. Lembro-me do encantamento com que ouví o discurso, que pronunciou o já então notavel cearense, por ocasião da recepção dos diplomas, na solenidade festiva com que o colégio se engalanou para marcar, nos seus anais, o áureo acontecimento. Tenho guardadas, inesquecivelmente, na memória, com uma impressão de palpitante atualidade, a eloquência arrebatada do orador, as cintilações da sua palavra, a veemência da sua gesticulação... Muitas das expressões dessa sem dúvida memoravel oração ainda me cantam nos ouvidos, depois de volvidos, na impiedosa ampulheta do tempo, mais de trinta anos...

De lá para cá, não mais o perdí de vista. Em Fortaleza, para onde vim, no ano seguinte, comecei de frequentá-lo, adolescente ainda, mas ávido dos conhecimentos que acreditava colher, na convivência de um homem de letras de tal porte.

Orador do "Círculo Católico", de que o Barão foi presidente, estreitaram-se as nossas relações, e, então, visitava-o, assiduamente, na sua opulenta biblioteca, onde não cessava de admirar a maneira como o grande cearense trabalhava: — todo metido no seu pesado fraque preto, colarinho alto, camisa de peito duro, hierático, austero, solene, curvado sobre o cartapácio, a pena ou a lente em punho...

O Barão de Studart sempre foi, enquanto a vista o permitiu, trabalhador infatigavel, meticuloso, paciente da nossa história, o que valeu chamarem-lhe **Beneditino da Historia do Ceará**, ou **Alexandre Herculano do Norte do Brasil**.

Sobretudo paciente, na convicção, de certo, de que, como a respeito de Calógeras diz Odécio Camargo, sem a beneditina paciência, não há obra duradoura...

Essa corajosa e estóica paciência, essa força de vontade intrépida e irredutível, essa continuidade no esforço, que não conhecia óbices, nem cedia a desfalecimentos, demonstrou-os ele, sobretudo, nesse mergulho, pode dizer-se, quase que diuturno, nos nossos e nos arquivos estrangeiros, pois o Barão de Studart adotava o lema que se atribuiu ao doutíssimo autor da "Formação Histórica do Brasil": **Pas de documents, pas d'histoire.**

Contudo, senhores, o esforço nem sempre frutifica, e nem sempre germina a operosidade do espírito. No Barão de Studart, porem, uma e outro foram frutuosos e fecundos, desentranhando-se, dentre uma rica bibliografia, que o Dr. Eusébio de Sousa mostrou compor-se de cento e trinta e nove trabalhos, que interessam ora à medicina, ora à religião, ora à geografia, ora à etnografia e ora à história, nesses dois livros: "Notas para a História do Ceará — Segunda Metade do Século XVII" e "Datas e Fatos para a História do Ceará — Ceará Colônia, Ceará Província e Ceará Estado", que avultam, triunfalmente, como dois vigorosos marcos, nos domínios da nossa historiografia...

Neles, não fez o Barão — é certo — crítica histórica; mesmo por que se preocupou, sobretudo, em acumular — sempre à luz da mais estrita verdade, que, no dizer de frei Luiz de Sousa, é a alma da história — os elementos e materiais, sobre que se calcarão as conclusões e as sínteses dos críticos e sociólogos de amanhã. Isso só, porem, já era, como de fato é, altamente meritório e profícuo...

O Barão de Ramalho tinha consciência — ao que dizia — de que o "Processo Civil", o "Processo Criminal" e o "Processo Orfanológico", por ele publicados, o salvariam do esquecimento. Idêntica afirmação poderia fazer o Barão de Studart, apontando, aos seus contemporâneos e à posteridade, essas suas duas valiosas produções.

Com elas, realmente, pode dizer-se que o insigne historiógrafo foi fiel à recomendação de Plínio, o Moço, ao dizer que, uma vez que não nos é dado viver uma longa vida, deixemos, ao menos, alguma coisa, com que testemunhemos ter vivido: — **Quatenus nobis denegatur diu vivere, relinquamus aliquid quo nos vixisse testemur.**

De outro modo, se o Barão de Studart, morrendo com mais de oitenta anos de idade, pode considerar-se como tendo vivido uma longa vida, não há como aplicar-se-lhe, escrevendo e produzindo o que produziu e escreveu, a sentença de Sêneca, que adverte de

que não há cousa mais torpe que um velho que não dispõe de outro argumento, com que prove que viveu muito, mais do que a idade: — **Nihil turpius est, quam grandis natu, qui nullum aliud habet argumentum, quo se probet diu vixisse, praeter aetatem.**

O Barão de Studart, senhores, não foi, apenas, o colaborador máximo na reconstrução do nosso passado, o probidoso reconstituidor da nossa vida pretérita, o zeloso resguardador das nossas tradições; foi, tambem, um católico pugnaz e um grande benfeitor...

No que toca ao seu espírito de invulneravel catolicidade, estou que lhe tem integral aplicação os conceitos expendidos por Joaquim Nabuco, em relação ao seu conspícuo progenitor, que encheu, com o seu nome, um dos momentos mais gloriosos da Monarquia, no Brasil: "... a religião foi [nele] uma camada sólida, colocada imediatamente sobre a natureza moral, e não sobre a superfície intelectual somente. Desse modo não existia, entre o homem e o crente, o vazio que tantos descobrem em si mesmos. A adaptação da religião a todos os pontos da consciência era completa e perfeita. Nada do que ele viu ou ouviu mais tarde conseguiu destruir a primeira argamassa da alma."

Grande benfeitor, praticou o Barão de Studart, em alta escala, a caridade, **esse dever dos felizes**, de que fala Alberto de Faria, referindo-se a Mauá.

Ao que nos certifica o erudito aristocrata do Brejão, íntimo amigo de Eça de Queiroz, "há um conto oriental, — do homem a quem o destino deu um milhão por dia, com a condição do homem gastá-lo todo, no intervalo compreendido entre duas auroras. A falta de cumprimento desta condição era a morte do infeliz. Prazeres, gozos, prodigalidades, tudo isto bastou, nos primeiros dias, para consumir o milhão diário. Em pouco tempo, veio a fadiga, o esgotamento, e debalde trabalhava a imaginação do homem para achar o meio de esvaziar os últimos sacos de ouro, que ainda estavam cheios, quando já alvorecia a aurora do outro dia. Apareceu o Anjo da Morte e anunciou ao desgraçado o seu fim. Lamentou-se o homem: — Não consegui gastar o meu milhão! E o Anjo da Morte respondeu-lhe: — É que tu esqueceste o único meio que havia para isso! — Qual era? — Fazer o bem!"

O que aconteceu ao homem do conto oriental não teria acontecido ao homem da "Sociedade de S. Vicente de Paulo"...

O milhão, tê-lo-ia ele gasto, não em inuteis disperdícios, mas justamente naquilo que não ocorrera ao infeliz da fábula, isto é,

em socorrer os necessitados, lenindo-os no seu desconforto e balsamizando-os nas suas aflições...

Que o digam os pobres de Fortaleza, que, abençoando-o, lhe pranteiam o desaparecimento...

Quanto à dedicação do grande morto ao Instituto do Ceará, à atividade incessante com que se absorveu na melhor consecução das suas finalidades, ao indefesso labor mediante o qual manteve o seu prestigio, no Brasil e no Estrangeiro, aí estão para testemunhá-lo — alem de tudo isto que nos cerca — essa revista que sustentou, sozinho, durante cerca de quarenta anos e, o que é mais, o título de **Grande Benemérito**, com que, "como homenagém excepcional", a tradicional associação o agraciou.

E foi tão ininterrupta, seja dito alto e bom som, a influência que ele exerceu sobre o Instituto, dela se ressentiu este tão profundamente, que não é exagerado dizer que essa influência lhe sobreviveu e se afirma, viva, tangivel, imorredoura, na plena objetivação do conceito de Augusto Comte, de que "os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos".

Senhores:

A respeito de Sousa Pinto, cabe-me, como mandatário do seu substituto, o Dr. Plácido Castelo, dizer, tambem, algumas palavras.

Conhecí-o, já em 1913, fazendo jornalismo, através das páginas da famosa "Folha do Povo", que defendia a causa do coronel Franco Rabelo. Na incruente liça, revelou-se, de logo, espírito de estrênua combatividade. Diariamente, via eu, suposto à coluna do jornal, o seu nome, em letras destacadas.

Lembro-me que lhe lia os artigos com curiosidade, simpatia e, às vezes, com entusiasmo... Naquela época, afinavam pelo mesmo estalão os nossos credos politicos...

Daí em diante, sei que colaborou, ativamente, em diversos outros jornais, sem dúvida convencido, como Rover-Collard, de que "a imprensa, mais de que uma necessidade política, é uma necessidade social".

Neles, versou, galhardamente, assuntos vários, de irrecusavel interesse público, visando, especialmente, a nossa vida econômica.

Sousa Pinto, porem, fez, dos estudos estatísticos, o objeto das suas preferências. Como demonstração da laboriosidade, com que, em tais estudos, se houve, deixou-nos vasta bibliografia, em que se salienta o seu "Anuário Estatístico do Estado do Ceará".

Sócio deste Instituto, serviu, durante anos, como seu secretário, dando, no exercício desse cargo, as mais inequívocas mostras

em socorrer os necessitados, lenindo-os no seu desconforto e balsamizando-os nas suas aflições...

Que o digam os pobres de Fortaleza, que, abençoando-o, lhe pranteiam o desaparecimento...

Quanto à dedicação do grande morto ao Instituto do Ceará, à atividade incessante com que se absorveu na melhor consecução das suas finalidades, ao indefesso labor mediante o qual manteve o seu prestígio, no Brasil e no Estrangeiro, aí estão para testemunhá-lo — alem de tudo isto que nos cerca — essa revista que sustentou, sozinho, durante cerca de quarenta anos e, o que é mais, o título de **Grande Benemérito**, com que, "como homenagém excepcional", a tradicional associação o agraciou.

E foi tão ininterrupta, seja dito alto e bom som, a influência que ele exerceu sobre o Instituto, dela se ressentiu este tão profundamente, que não é exagerado dizer que essa influência lhe sobreviveu e se afirma, viva, tangivel, imorredoura, na plena objetivação do conceito de Augusto Comte, de que "os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos".

Senhores:

A respeito de Sousa Pinto, cabe-me, como mandatário do seu substituto, o Dr. Plácido Castelo, dizer, tambem, algumas palavras.

Conhecí-o, já em 1913, fazendo jornalismo, através das páginas da famosa "Folha do Povo", que defendia a causa do coronel Franco Rabelo. Na incruente liça, revelou-se, de logo, espírito de estrênua combatividade. Diariamente, via eu, suposto à coluna do jornal, o seu nome, em letras destacadas.

Lembro-me que lhe lia os artigos com curiosidade, simpatia e, às vezes, com entusiasmo... Naquela época, afinavam pelo mesmo estalão os nossos credos políticos...

Daí em diante, sei que colaborou, ativamente, em diversos outros jornais, sem dúvida convencido, como Royer-Collard, de que "a imprensa, mais de que uma necessidade política, é uma necessidade social".

Neles, versou, galhardamente, assuntos vários, de irrecusavel interesse público, visando, especialmente, a nossa vida econômica.

Sousa Pinto, porem, fez, dos estudos estatísticos, o objeto das suas preferências. Como demonstração da laboriosidade, com que, em tais estudos, se houve, deixou-nos vasta bibliografia, em que se salienta o seu "Anuário Estatístico do Estado do Ceará".

Sócio deste Instituto, serviu, durante anos, como seu secretário, dando, no exercício desse cargo, as mais inequívocas mostras

de espírito progressista, de capacidade de organização e de incansavel dedicação ao trabalho...

Senhores:

Em presença de Clemente VIII Pontífice — relata-nos o padre Manuel Bernardes — se lastimavam alguns de várias perdas e infortúnios que lhes tinham proximamente acontecido. Dizia um, v. g., que perdera a novidade dos seus campos; dizia outro que se lhe perdera no mar; acudiu outro que já perdera o valimento com tal personagem. O papa, vendo que nisto gastavam muito tempo, os atalhou, dizendo: "Nada disso importa muito; a perda que é para sentir é da cousa que se não pode recuperar, que é o tempo."

Tendes perdido muito tempo, ouvindo-me... E o prejuizo é irreparavel... Urge, pois, que eu faça ponto final.

Vou terminar, não sem agradecer-vos, senhores do Instituto do Ceará, em meu nome e no dos meus nobres confrades, Drs. João Nogueira, Raimundo Girão e Plácido Castelo, a alevantada honra com que nos dignificastes, incorporando-nos ao vosso grêmio, por intermédio desse gentilissimo Misael Gomes, sem contestação uma das mais pujantes expressões da beletrística cearense, e de cuja nomeada, como estudioso da história, penetrante e bem orientado, oferecem decidido testemunho trabalhos da mais alta valia, que todo o Ceará culto tem na merecida conta. Eu vo-lo agradeço, em meu nome, ainda uma vez, por que, impondo-me o dever de devotar-me ao cultivo da história e ao desenvolvimento das ciências e das letras, ensejastes-me o entrar por uma das trilhas que conduzem à felicidade, por que "a felicidade é o devotamento a um dever ou a um ideal" — assim a compreende o cético analista da "Vida de Jesús". E acrescenta: "A existência é a cousa mais frívola do mundo, se não se concebe como um grande e contínuo dever."

Muito obrigado.